

# CASA DO BARÃO DE GURGUÉIA EM TERESINA – PI: ANÁLISE TIPOLÓGICA E CONSIDERAÇÕES ACERCA DO EDIFÍCIO

*HOUSE OF THE BARÃO DE GURGUÉIA IN TERESINA – PI:  
CONSIDERATIONS ABOUT ITS CONSERVATION STATUS*

*CASA DEL BARÃO DE GURGUÉIA EN TERESINA – PI:  
CONSIDERACIONES SOBRE SU ESTADO DE CONSERVACIÓN*

**FURTADO, MARIA BETÂNIA GUERRA NEGREIROS**

*Doutora em Arquitetura e Urbanismo, UFPI, e-mail: betaniaguerra@uol.com.br*

## RESUMO

Trata o presente artigo sobre uma análise acerca de uma edificação de relevância histórica para a cidade de Teresina, capital do estado brasileiro do Piauí, conhecida como “Casa do Barão de Gurguéia”. De características ecléticas, o edifício em questão faz parte do conjunto arquitetônico erguido ainda nas primeiras décadas de construção da cidade, uma urbe que nasceu planejada, datada de meados do século XIX. A análise que se faz do edifício objetiva contribuir com informações acerca do monumento que se encontra em risco, que por se achar sem uso e por assim ser sujeito as ações do tempo. Ao se lançar um olhar a importante edificação, pretende-se contribuir com sua preservação e permanência como monumento integrante do conjunto urbano edificado da capital piauiense

**PALAVRAS-CHAVE:** *patrimônio histórico; Teresina; preservação.*

## ABSTRACT

This article deals with an analysis of a building of historical relevance for the city of Teresina, capital of the Brazilian state of Piauí, known as “Casa do Barão de Gurguéia”. With eclectic characteristics, the building in question is part of the architectural complex erected in the first decades of construction of the city, a city that was born planned, dating from the mid-nineteenth century. The analysis made of the building aims to contribute with information about the monument that is at risk, because it is unused and therefore subject to the actions of time. By looking at this important building, we intend to contribute to its preservation and permanence as a monument that is part of the built urban complex of the capital of Piauí.

**KEYWORDS:** *historical heritage; Teresina; presevation.*

## RESUMEN

Este artículo trata de un análisis de un edificio de relevancia histórica para la ciudad de Teresina, capital del estado brasileño de Piauí, conocido como “Casa do Bario de Gurguéia”. De características ecléticas, el edificio en cuestión forma parte del conjunto arquitectónico levantado en las primeras décadas de construcción de la ciudad, ciudad que nació planificada, que data de mediados del siglo XIX. El análisis que se hace del edificio pretende aportar información sobre el monumento que se encuentra en riesgo, debido a que se encuentra en desuso y por lo tanto sujeto a las acciones del tiempo. Al observar este importante edificio, pretendemos contribuir a su preservación y permanencia como monumento que forma parte del conjunto urbano construido de la capital de Piauí

**PALABRAS CLAVE:** *patrimonio histórico; Teresina; preservación.*

## INTRODUÇÃO

Discorre esse artigo sobre uma edificação do século XIX, localizada na capital do Estado do Piauí, Teresina, região Nordeste do Brasil. O objetivo do texto é contribuir com informações acerca do monumento de modo a tornar mais visível a importância da edificação para o conjunto arquitetônico ao qual ele faz parte, quando vemos ameaçada sua continuidade como monumento. Trata-se de um exemplar da arquitetura eclética, meados do século XIX, quando se vivia a profusão dos elementos característicos do movimento.

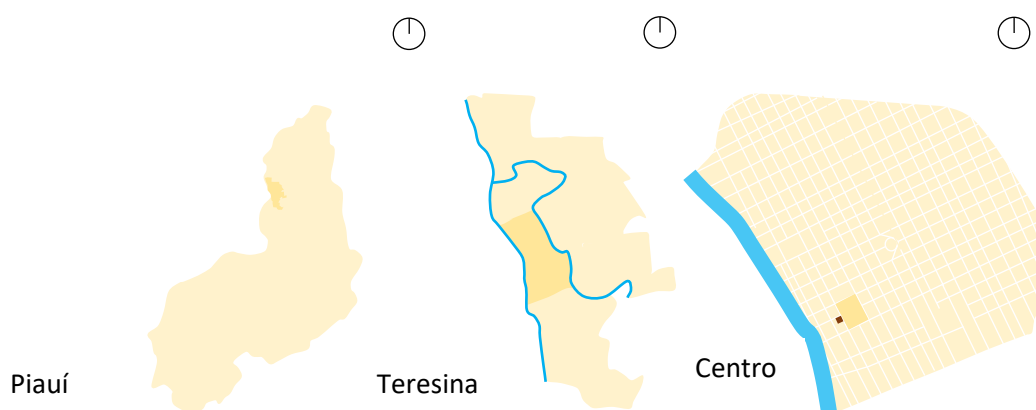
O texto busca alcançar o propósito de realizar uma análise do objeto em estudo, inserindo-o no tempo e espaço, com contrapontos que mostrem também sua relação com a arquitetura luso-brasileira, originada quando da colonização. Uma das questões colocadas são as características que revelam existir uma conexão entre a arquitetura primeira do Piauí – as edificações erguidas entre os séculos XVII e XVIII – e a arquitetura do planalto paulista dos primeiros séculos. São vislumbradas similitudes que se supõe terem chegado à região piauiense através das incursões realizadas pelos bandeirantes do planalto quando em suas viagens. Pode-se dizer que através destas andanças muitos saberes foram transmitidos. É plausível afirmar que ao percorrer os diferentes caminhos, os desbravadores não transportaram somente sonhos, levaram e espalharam costumes e vivências como hábitos de morar, formas de construir. Estas riquezas culturais viajaram e ao fixarem-se em solos outros, adaptaram-se e criaram raízes.

A Casa do Barão de Gurguéia, objeto deste estudo, é parte do conjunto arquitetônico antigo de Teresina, uma cidade brasileira de raízes portuguesas. Trata-se de uma edificação que, quando observada com cuidado e profundidade releva laços encontrados em exemplares de regiões distintas do território, porém todos parte do todo identificado como a arquitetura brasileira.

## DESENVOLVIMENTO

Teresina, a capital do Piauí (Figura 1), é uma cidade relativamente nova. Fundada em 1852, nasceu com a incumbência de substituir a antiga sede administrativa do Estado, a cidade de Oeiras que, por estar localizada mais ao sul do território, entendia-se não possuir a posição geográfica favorável ao desenvolvimento da Província, à época (FRANCO, 1983). Coube então a José Antônio Saraiva, um baiano de 27 anos, bacharel pelo largo de São Francisco, em São Paulo, então presidente da Província do Piauí o planejamento e transferência da sede administrativa da província do Piauí para uma nova região, localizada mais ao centro do território (LEMOS, 2016).

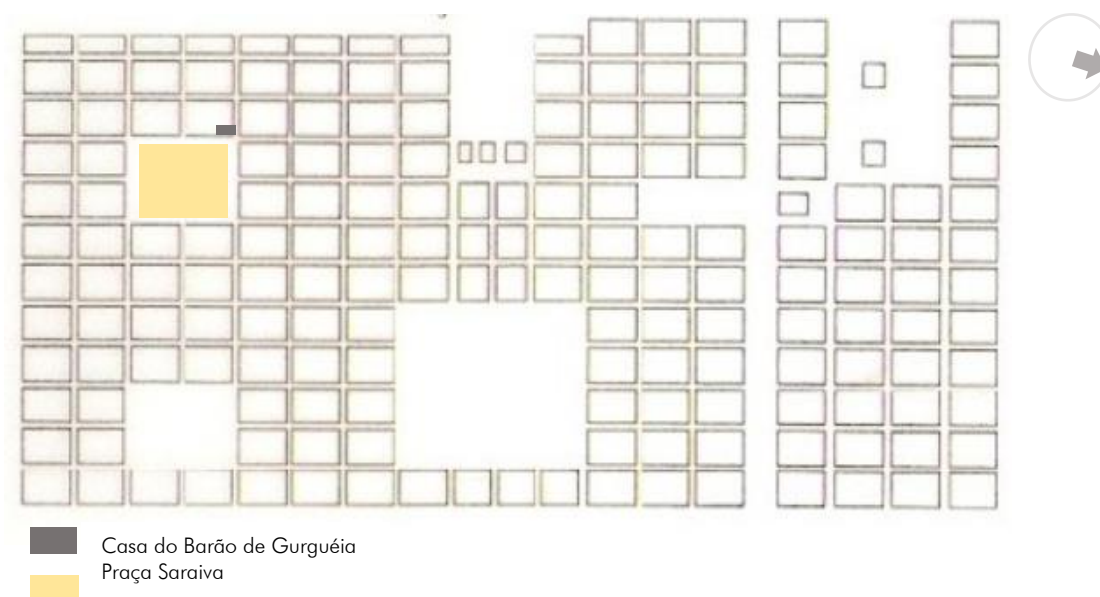
Figura 1: Localização de Teresina no Piauí.



Fonte: google. Adaptações da autora.

Os primeiros edifícios de Teresina, erguidos em meados do século XIX, possuem características na quase totalidade ecléticas. Por ter sido planejada, possui um tecido urbano regular, em forma de tabuleiro, com quarteirões quadrangulares, assentados em uma topografia plana (Figura 2). É uma cidade do século XIX, com traços portugueses (TEIXEIRA, 2012).

Figura 2: Malha urbana primeira de Teresina, 1852



Fonte: Cadernos de Teresina, ano XII, nº. 32, out./2000. FUNDAC. Adaptações da autora

### **João do Rego Monteiro, o Barão de Gurguéia**

Dentre as edificações parte do conjunto arquitetônico da cidade, há um exemplar que se faz digno de atenção. Trata-se de um casarão de portas e janelas que pertenceu a uma figura de singular relevância dentro do contexto político-social do período: João do Rego Monteiro, (1808 - 1897), o Barão de Gurguéia.

Sobre João do Rego Monteiro pode-se afirmar que foi um conceituado proprietário de terras, além de grande empreendedor e construtor, que contribuiu sobremaneira com o desenvolvimento de Teresina, período em que a cidade ainda se estruturava como capital. Natural de uma localidade conhecida como Estanhado, povoação localizada nas imediações do sítio onde se assentava a nova capital, Rego Monteiro, além de um homem de negócios, teve participação ativa na vida política piauiense, exercendo vários cargos de caráter público como de Juiz de Paz e Deputado Provincial.

Por ser considerado um benfeitor, recebeu o título de Barão de Gurguéia após haver construído e doado ao governo provincial uma escola de caráter público na recém fundada capital. De acordo com o historiador Monsenhor Chaves, o Barão também haveria erguido alguns edifícios de caráter público bem como várias residências particulares que foram repassadas à população (CHAVES, 2013, p. 491). Rego Monteiro também construiu para si, a título de servir como sua residência, um imponente casarão, em local privilegiado, que logo passou a ser conhecido como a “Casa do Barão”.

### **Especificidades sobre a edificação**

A Casa de João do Rego Monteiro ainda se encontra em pé. Está localizada em uma praça, nominada de Saraiva, área central de Teresina. A localidade, nos primeiros tempos, era conhecida como o “Largo do Saraiva”, em alusão ao fundador da capital. O largo, um espaço integrante do desenho urbano de Teresina, não possuía de início função definida, bem como outros planejados por João Isidoro França, o mestre português autor do risco da nova capital que, seguindo a tradição portuguesa dos traçados do período (TEIXEIRA, 2012), projetou uma multiplicidade de vazios (Figura 2), que aos poucos foram sendo ocupados por diferentes funções, quer políticas, administrativas ou religiosas.

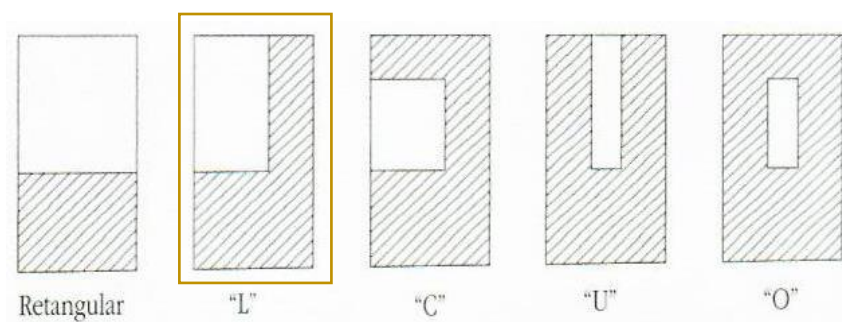
## Implantação

Erguida em um terreno de esquina, sobre os alinhamentos do lote, conforme as tradições do período (REIS, 2000), a casa do Barão ocupa um lote com padrões que se encaixam na terceira tipologia de quarteirões descritos por Teixeira (2012), ao comentar sobre a evolução das cidades de origem portuguesa. Está o casarão localizado em um quarteirão de formato quadrangular, composto por lotes cujas testadas são viradas para os arruamentos circundantes. “Este tipo de quarteirão foi desenvolvido no fim do século XVI, correspondendo também a um aumento da densidade de ocupação e a uma afirmação de seu caráter exclusivamente urbano” (TEIXEIRA, 2012, P. 88).

Possui o edifício uma das suas fachadas, a considerada principal, voltada para o largo do Saraiva (Figura 2). O terreno do sítio é de topografia plana, porém o edifício ali construído possui porão alto, característica das edificações já do período de transição (PEREIRA FILHO, 1998). Seus dois pisos são estruturados sob barrotes de madeira que servem de base a um tabuado corrido, ou seja, um sistema construtivo utilizado desde à época colonial brasileira.

Possui a edificação um partido em formato de L (Figura 3), muito encontrado na arquitetura luso-brasileira que, assim como a planta em U, predominam nas casas urbanas da região meio norte do país que compreendem os estados do Maranhão e Piauí, desde o período colonial.

Figura 3: Casas urbanas – Implantação. Arquitetura urbana do meio norte brasileiro



Fonte: Silva Filho, 1998, p. 45. Adaptação da autora.

Ainda sobre partidos, no Piauí é possível encontrar outras variações que dependem tanto do tamanho dos lotes como das condições financeiras dos proprietários. São comuns na região:

[...] a porta-e-janela com três cômodos contíguos, seguindo-se a meia morada; a  $\frac{3}{4}$  de morada; a morada-inteira; a morada-e-meia; a casa térrea de comércio; a casa de porão; a casa de mirante; a casa de porão e mirante; os sobrados de dois e três andares, também com ou sem porão e/ou mirante; e os sobrados de quatro andares, perfazendo um total de 13 variações por andar... Além destas versões, existem outras, como o sobrado de mezanino, o uso de sótão como dependência, a casa de porão alto do período de transição (caso da Casa Barão de Gurguéia) e outras conjugações. (SILVA FILHO, 1998, p. 45-47)

A variação tipificada como “morada-inteira”, que a casa do Barão possui semelhança, pode ter suas raízes na casa urbana paulista. Trata-se de uma configuração espacial encontrada em muitos inventários pesquisados e comentados por Lemos (1999). Este desenho, o da casa paulista dos primeiros séculos se assemelha com a planta da casa do Piauí, presente em muitas cidades piauienses, principalmente as mais antigas. Estas parecenças vão desde a distribuição espacial dos espaços e suas funções, ao número de cômodos. São edificações encontradas na arquitetura brasileira como um todo, considerando suas variações, desde os séculos XVII e XVIII (LEMOS, 1999).

Pode-se afirmar que este partido de raízes bandeiristas se configurou como característico da casa piauiense. Paulo Tedim Barreto (1975) corrobora com Carlos Lemos quando analisa a “morada inteira” do Piauí. Trata-se de uma edificação cujas paredes mestras são largas, formadoras de espaços internos generosos. Fazia parte da simplicidade vivida pelos primeiros moradores. Possuíam várias salas posicionadas à entrada da casa e abrindo-se para a rua; as alcovas que se seguiam e se alinhavam ao longo de um corredor central que conduzia a uma varanda, onde “[...] sempre larga é a sala de jantar do sul, é a casa de se estar”. (BARRETO, 1975, p. 203).

Sobre este espaço de vivência, a varanda (Figura 4), Silva Filho ressalta que

"[...] como nas fazendas... é a sala de refeições, o *triclinium* da casa romana. Localizada entre o setor formal dos dormitórios e a sala de visitas e o informal da cozinha e serviços, o varandão de refeições se converte em necessária conexão social (SILVA FILHO, 2007, p. 59).

Figura 4: Planta baixa da casa do Barão de Gurguéia, com destaque para a varanda interna, e imagens do cômodo.

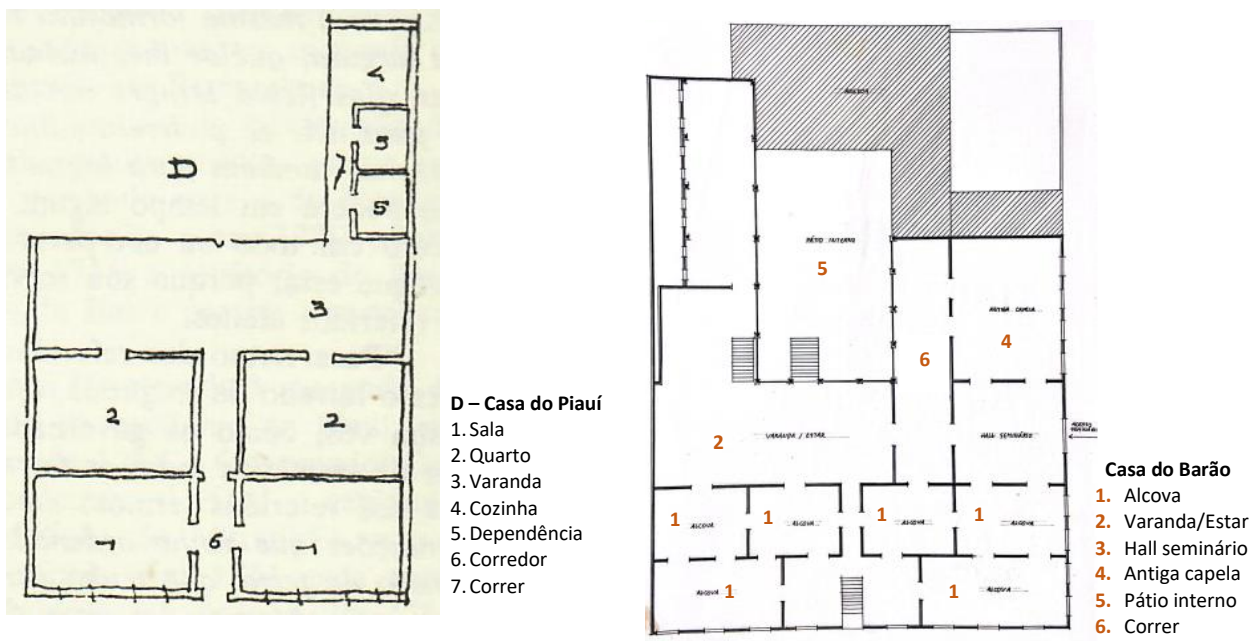


Fonte: Secretaria de Cultura do Piauí/SECULT, 2022. Imagens do arquivo pessoal da autora, 2022.

A casa do Piauí, diferentemente da casa paulista, em razão de hábitos e costumes regionais, era comum o acréscimo de alguns cômodos, na parte posterior da planta, na direção do quintal. Esse prolongamento propiciava o surgimento de um pátio interno, utilizado também como espaço de convivência e de realização de tarefas. É quando a planta assume a forma de **L** ou de **U**, abrindo espaços para depósitos e cozinha, propiciando o aparecimento do “*correr*” (Figura 3), elemento de circulação ligado à varanda (BARRETO, 1975). A casa paulista, da qual a piauiense foi buscar suas raízes, não possui o “*correr*”, já que não há a necessidade em função de sua forma, mas a cozinha também ocupa a área posterior da edificação, em espaço quase separado da casa (LEMOS, 1999).

A casa urbana do Piauí (Figura 5), com suas variações mais comuns – a forma em **L** e **U** – pode ser encontrada no conjunto urbano de várias cidades do estado, principalmente as de formação mais antiga. Trata-se esta tipologia de uma adaptação da casa rural piauiense, a casa do sertanejo que, ao sofrer adequações, foi levada para a cidade (FURTADO, 2011).

Figura 5: Croquis: Partido típico de uma casa do Piauí, a Morada Inteira conforme Paulo Barreto, e Casa do Barão quando Seminário.



Fonte: Barreto (1975); Patrimônio Cultural do Piauí. Coordenação de Registros e Conservação – Secretaria de Cultura do Piauí/SECULT, 2022. Adaptações da autora.

## Fachadas

As fachadas externas da casa do Barão, voltadas para os arruamentos, se caracterizam pelo grande número de aberturas que ritmadas imprimem o traço peculiar da morada inteira (Figura 6) e facilmente encontrada na arquitetura piauiense colonial (SILVA FILHO, 1998). Algo que a diferencia de outras edificações de seu entorno é o porão alto, não muito presente na região. Possui, contudo, uma característica muito presente na arquitetura piauiense que são as portas e janelas em arco ogival, com bandeiras fixas em madeira e guarda-corpo entalado. “[...] a ogiva aparece na arquitetura colonial de diversas cidades piauienses como Floriano, Oeiras e Amarante, mas é em Teresina que se consagra, porém, já em edifícios ecléticos” (DINIZ E CADDAH, 2005, p. 40). Ainda sobre a origem da ogiva no estado, as pesquisadoras acreditam que

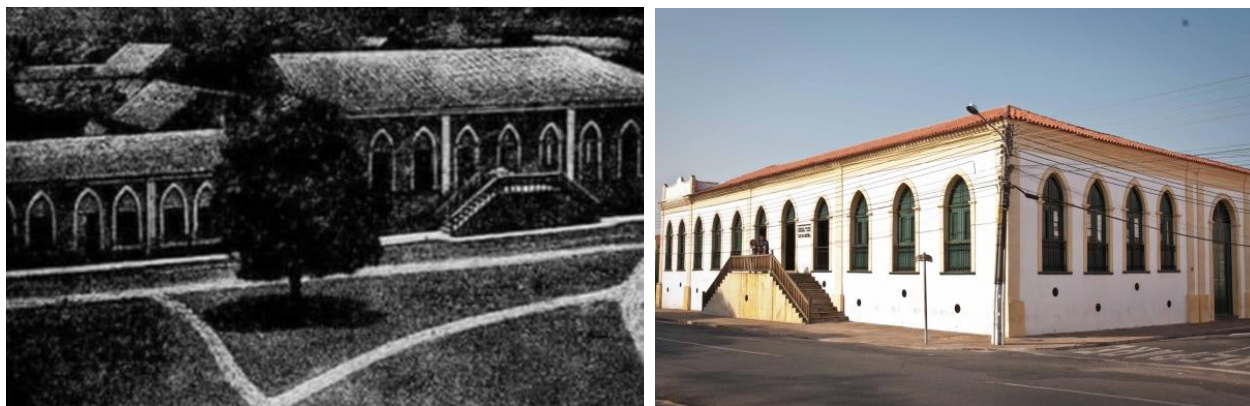
O arco ogival difundiu-se por todo o Piauí e fixou-se na maioria de suas cidades, sendo caso singular na arquitetura colonial brasileira, já que nos outros estados não houve uma utilização em larga escala... A hipótese mais provável é a de que tenha chegado ao Piauí pelo Maranhão, através da cidade de Caxias (DINIZ; CADDAH, 2005, p. 40).

Paulo T. Barreto (1975, p. 209), comentando sobre o porquê da presença e uso da ogiva nos vãos da arquitetura do Piauí, principalmente na capital, Teresina, faz interessante observação: “[...] o certo é que em Teresina, a ogiva tornou-se um elemento vulgar. A cidade era nova e a ogiva era novidade”. E complementa:

Não é, entretanto, de história o que nos interessa e sim observar que a ogiva foi aplicada ali com inteligência. Os pés-direitos dos prédios sendo bastante altos, como já dissemos, aquele elemento veio facilitar a ventilação dos cômodos. A sua forma permite-lhe alcançar grandes alturas. A parte da ogiva propriamente dita, o triângulo, é guarnecido sempre com persianas que se repetem na parte inferior das esquadrias. A ventilação da casa foi aumentada e esta continuou, como dantes; fechada e protegida contra os raios solares (BARRETO, 1975, p. 209).

Em uma região de altas temperaturas, como a que se encontra localizado o estado do Piauí, a preocupação com o conforto térmico no interior das edificações, sempre esteve presente quando da edificação das demoradas. É interessante perceber como a busca pelo bem-estar levou o homem do Piauí a buscar soluções sustentáveis para minimizar o desconforto térmico, condição ambiental presente na quase totalidade do ano na região.

Figura 6: Casa do Barão de Gurguéia. Teresina, PI. Décadas: 1920 e 2020.



Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí (década de 1920) e Secretaria de Cultura do Piauí/SECULT (década de 2020)

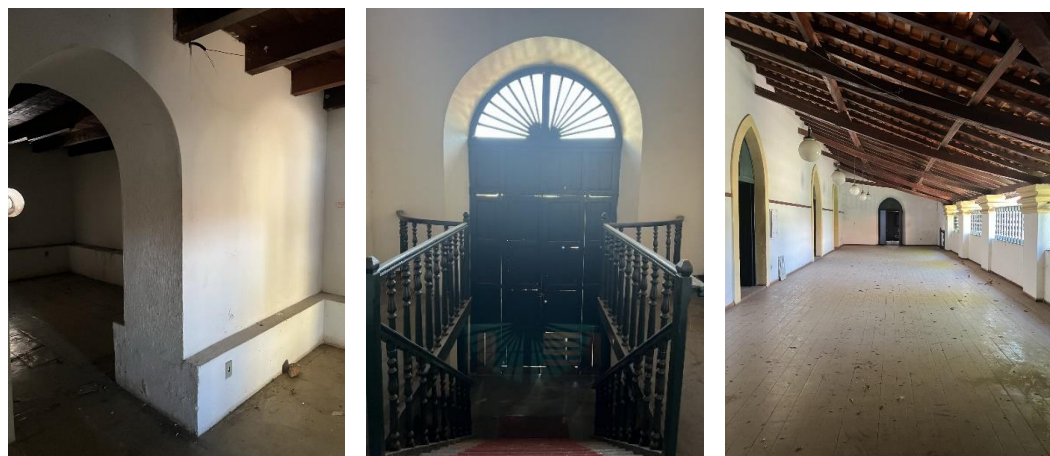
### ***Materiais e Detalhes construtivos***

De forma geral a arquitetura colonial brasileira fez uso de três tipos de materiais construtivos que foram a pedra, o barro e a madeira, estando os três quase que sempre presente nos edifícios do período. No Piauí, a arquitetura fez uso dos três materiais. Foram usados em fundações, paredes, telhados, esquadrias. Foi com estes mesmos materiais que foi erguida a casa do Barão: pedra, barro, madeira. Em visita ao edifício pode-se perceber suas grossas paredes em alvenaria de tijolo maciço; assentados com argamassa de barro e cal; as tradicionais telhas cerâmicas tipo calha e canal ou meia cana compõem o telheiro estruturado em madeira lavrada.

A madeira foi o elemento mais utilizado. Pela sua versatilidade foi estrutura e assoalho. Foram as grossas vigas que permitiram erguer os dois pisos que apoiam as tábuas corridas que sustentam a casa do Barão; na verdade, o barroto foi parte do sistema estrutural de sustentação de pisos mais utilizado no Brasil colonial, quando da construção de edificações com mais de um pavimento, sendo ele o elemento responsável pela verticalização do período.

Outra função da madeira foi a de vedação. Om ela fez-se portas, janelas tipo venezianas, de folhas simples, duplas, com bandeiras. Também foi a madeira guarda-corpo, foi escada, soleira, peitoril, maçaneta, tranca, tramela, foi balaústre (Figura 7).

Figura 7: Casa do Barão de Gurguéia. Tomadas internas: porão, escada acesso secundário, varanda piso superior. .



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2022.

A madeira foi também forro ao esconder o telhado de telhas vãs na sala de receber. Foi rodapé, arranque de escada, banco para descanso (Figura 8).

Figura 8: Casa do Barão. Tomadas internas: sala de receber, detalhe hall acesso secundário, banco entre pilares no piso térreo.



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2022.

### *Os usos diversos do edifício*

A Casa do Barão foi construída entre as décadas de 1870 e 1880 (FREITAS, 2020). Foi edificada com o intuito abrigar a família do seu construtor, porém o edifício foi utilizado pouco com esta função já que Rêgo Monteiro faleceu em 1897, deixando de residir no imóvel em data anterior. O Barão, após revezes do destino, depois de haver exercido inúmeros cargos públicos e ter participado ativamente da vida política do estado, com problemas de financeiros e de saúde, o Barão retirou-se do cenário político, indo passar os últimos anos de vida em União, cidade próxima a capital e que ele próprio fundara, em terras que a ele pertencera no passado (CHAVES, 2013).

De 1906 a 1922 o imóvel abrigou um seminário, criado pelo primeiro bispo do Piauí, Monsenhor Joaquim Antônio de Almeida, nomeado no ano de 1906. Durante este período, precisamente no ano de 1913, o edifício foi vendido pelos herdeiros do Barão à diocese piauiense, proprietária do imóvel até os dias atuais (CUNHA, 2015, p. 110). A diocese transformou a edificação em residência episcopal, fazendo alterações na planta ao construir um anexo, com as características da edificação original.

Já como propriedade da igreja católica, a casa exerceu outras funções. Após servir como residência episcopal, foi sede do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, o DNOCS, órgão público federal criado em 1909 (BRASIL, 1914). Na década de 1970 serviu de sede ao Serviço de Seguros Sociais do INPS, o então Instituto Nacional de Previdência Social (CASTELLO BRANCO FILHO, 1978). Foi também escola, abrigando o Colégio Pedro II, período em que sofreu alterações na fachada para finalizar, a partir do ano de 1994 como espaço cultural, período em que a prefeitura, através de parceria com a diocese de Teresina a Casa da Cultura do Piauí, órgão da administração pública municipal.

Em 1993, iniciaram-se obras de restauro do prédio, possibilitadas através de convenio firmado entre a Prefeitura de Teresina e o Governo do Estado do Piauí. Naquele momento a arquidiocese estabeleceu parceria com a administração municipal onde cederia, em forma de comodato, o edifício pelo prazo de vinte anos. Assim, em 1994, após restaurado, a casa passou a abrigar o órgão municipal intitulado “Casa da Cultura de Teresina” que funcionou até o ano de 2022 naquele local (GUIA DAS ARTES, 2023). Após a data, o edifício foi devolvido à arquidiocese que desde então o mantém sem uso.



### *Proteção legal*

A edificação é tombada pelo Departamento do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Piauí, desde o ano de 1986, com inscrição nº 12 de 08 de agosto do ano referido e Resolução de Tombamento nº 6.775 de 21 de julho mesmo ano.

### *Estado atual do edifício*

Como exposto, o edifício encontra-se fechado. Quando isto acontece, quando se abandona um edifício, quase se decreta sua sentença de morte. O fechar das portas o expõe a riscos por vezes irreversíveis. A Carta de Atenas já alertava que é necessário

“[...] que se mantenha uma utilização dos monumentos, que assegure a continuidade de sua vida, destinando-os sempre a finalidades que respeitem o seu caráter histórico e artístico” (CURY, 2004, p. 13). O respeito é o caminho da preservação, através dele se conserva e se garante a permanência dos monumentos.

É no aguardo por ações benfazejas que se encontra hoje a Casa do Barão. Está a esperar que a ele se voltem os olhares benfazejos da preservação. Sinais de danos já revelam a necessidade premente de ações conservativas. Imagens revelam que o tempo não sabe esperar (Figura 9). É com a ocupação, o entrar e sair, o abrir e fechar de portas e janelas que a arquitetura permanece existindo, cumprindo seu papel. e não importa sua idade, ela sempre permanece quando o homem a enxerga com olhos de futuro.

Figura 9: Casa do Barão. Tomadas internas: Porão, sala do segundo piso, vista do pátio interno.



Fonte: Acervo pessoal da autora. 2022.

## CONCLUSÃO

O Piauí possui sua identidade assentada em raízes sertanejas. Trata-se de uma cultura que possui os pés na terra, no gado. Desta feita, seu patrimônio construído traz elementos que refletem essa mistura do colonizador com a terra. Seus edifícios carregam valores que perpassam o apuro, o rebuscamento, ou mesmo o cunho artístico (RIEGL, 2013). Há neles outras variáveis que se fazem presentes e se explicam na sua história.

A casa do Barão possui uma singularidade própria do período. Muito do que ali existe, enquanto arquitetura, é encontrado em edificações semelhantes, presentes em outras regiões do território, contudo, é enriquecedor, perceber a unidade do Brasil ao analisar sua arquitetura. É sim um monumento e por conseguinte se faz único, como toda edificação histórica assim o é. Entende-se hoje que a matéria do antigo edifício inspira cuidados, requer imediatas ações de cunho conservador. Necessário é que lhe seja dada nova razão de continuar, algo possível ao lhe destinar um novo uso. Entende-se que é no abrir e fechar de portas, no rumor de vozes que soam nos interiores das salas, dos halls, das varandas que a arquitetura permanece viva, cumprindo seu papel. Sabe-se que para um edifício, sua

idade não determina sua ruína; sempre sua permanência será possível enquanto o homem o enxergar com olhos de futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, P. T. O Piauí e a sua Arquitetura. In: *Arquitetura Civil 1*. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975. p. 191-219.
- CASTELLO BRANCO FILHO, Moysés. *A Habitação: arquitetura colonial do Piauí*. Belo Horizonte: 1978.
- CHAVES, Monsenhor. *Obra Completa*. Teresina: Fundação Municipal de cultura Monsenhor Chaves, 2013.
- CUNHA, Higino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.
- CURY, Isabelle. (Org.). *Cartas Patrimoniais*. Rio de Janeiro: IPHAN: 2004.
- DINIZ, A. G; CADDAH, Y. I. Elementos da Influência Árabe na Arquitetura de Teresina. In: *História da Arte e da Arquitetura no Piauí*. Instituto Camillo Filho, Teresina: 2005. p. 29-50.
- FURTADO, Maria Betânia Guerra Negreiros. *Arquitetura Rural Piauiense: A casa do sertanejo Raimundo Soares de Almeida*. 2º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Caderno de Resumos, pp. 213-214, nov.2011.
- FRANCO, José Patrocínio. *Capítulos da História do Piauí*. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1983.
- FREITAS, Clodoaldo. *História de Teresina*. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.
- GUIA DAS ARTES. Acesso em: 29 de junho de 2023. <https://www.guiadasartes.com.br/piaui/teresina/casa-da-cultura-de-teresina>.
- LEMOS, Carlos A. C. *Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- LEMOS, Carlos A. C. *Como nasceram as cidades brasileiras*. São Paulo: Studio Nobel, 2016.
- REIS, Nestor Goulart. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500 / 1720)*. São Paulo: Pini, 2000.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos*. Lisboa / Portugal: Edições 70: 2013.
- SILVA FILHO. Olavo Pereira da. *Arquitetura Luso-brasileira no Maranhão*. Belo Horizonte: Formato, 1998.
- SILVA FILHO. Olavo Pereira da. *Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piahy*. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2007, 3v.
- TEIXEIRA, Manuel C. *A forma da cidade de origem portuguesa*. São Paulo: Editora Unesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2012.